



Mariana Benedita Lopes Silva

**Características psicológicas dos perpetradores de *cyberbullying*: uma revisão
sistemática da literatura**

Trabalho realizado sob a orientação da Professora Doutora Ana Rita Conde Dias

fevereiro 2022



Mariana Benedita Lopes Silva

**Características psicológicas dos perpetradores de *cyberbullying*: uma revisão
sistemática da literatura**

Dissertação de Mestrado de Psicologia da Justiça: Vítimas de Crime

Dissertação defendida em provas públicas na Universidade Lusófona do Porto no dia
2/02/2022, perante o júri seguinte:

Presidente: Prof.^a Doutora Carla Margarida Vieira Antunes (Professora Auxiliar da
Universidade Lusófona do Porto)

Arguente: Prof.^a Doutora Célia Isabel Lima Ferreira (Professora Auxiliar da Universidade
Lusófona do Porto)

Orientadora: Prof.^a Doutora Ana Rita Conde Dias (Professora Auxiliar da Universidade
Lusófona do Porto)

fevereiro 2022

É autorizada a reprodução integral desta dissertação apenas para efeitos de investigação, mediante declaração escrita do interessado, que a tal se compromete.

Resumo

Características psicológicas dos perpetradores de *cyberbullying*: uma revisão sistemática da literatura

Enquadramento: A literatura e a investigação científica sobre o *cyberbullying* estão maioritariamente direcionadas para as vítimas, negligenciando a componente do ofensor, existindo um debate na literatura se o *cyberbullying* é uma extensão do *bullying* ou uma tipologia de crime diferente. Por outro lado, os estudos com os *cyberbullies* focam-se essencialmente nas características demográficas e/ou sociais, descurando a componente da caracterização psicológica destes ofensores.

Objetivo: Obter uma descrição pormenorizada dos estudos e da literatura sobre o perfil/caracterização psicológica dos ofensores de *cyberbullying*.

Método: Revisão sistemática, utilizando as diretrizes do PRISMA-P. Elaboraram-se critérios de elegibilidade, com critérios de inclusão e exclusão. A pesquisa foi efetuada em sete bases de dados eletrónicas e o processo de recolha e análise de dados foi realizada por dois investigadores independentes.

Resultados: Foram incluídas 13 publicações, todas de natureza quantitativa, *design* transversal e retrospectivo. A maioria dos estudos surge na última década, principalmente no continente europeu e asiático. As variáveis psicológicas mais estudadas são a autoestima, os traços de personalidade e antissociais, o autocontrolo e o raciocínio moral. Ao nível dos indicadores psicológicos, identifica-se uma tendência de variabilidade dos resultados em função das amostras utilizadas.

Conclusão: Os *cyberbullies* parecem apresentar características psicológicas que os diferenciam dos não agressores, mas não se identificam diferenças na caracterização psicológica entre os *cyberbullies* e *bullies*. Assim, os estudos parecem indicar que o perfil psicológico dos *cyberbullies* não se diferencia dos *bullies*, o que pode contribuir para a controvérsia acerca da conceptualização do *cyberbullying* como um subtipo de *bullying* ou como uma tipologia diferenciada. Discutem-se as implicações em termos de investigação futura.

Palavras-Chave: *cyberbullying*; características psicológicas; revisão sistemática; *cyberbullies*

Abstract

Psychological characteristics of cyberbullying perpetrators: a systematic review of the literature

Background: Literature and scientific research on cyberbullying are mostly targeted at victims, neglecting the offender component, and there is a debate in the literature whether cyberbullying is an extension of bullying or a different type of crime. On the other hand, studies with cyberbullies focus essentially on demographic and/or social characteristics, neglecting the psychological characterization component of these offenders.

Objective: To obtain a detailed description of studies and literature on the profile/psychological characterization of cyberbullying offenders.

Method: Systematic review using PRISMA-P guidelines. Eligibility criteria were elaborated, with inclusion and exclusion criteria. The search was carried out in seven electronic databases and the data collection and analysis process was carried out by two independent researchers.

Results: 13 publications were included, all of a quantitative nature, transversal and retrospective design. Most studies appear in the last decade, mainly in Europe and Asia. The most studied psychological variables are self-esteem, personality and antisocial traits, self-control and moral reasoning. At the level of psychological indicators, a tendency towards variability of results is identified as a function of the samples used.

Conclusion: Cyberbullies seem to have psychological characteristics that differentiate them from non-aggressors, but there are no differences in the psychological characterization between cyberbullies and bullies. Thus, studies seem to indicate that the psychological profile of cyberbullies does not differ from bullies, which may contribute to the controversy regarding the conceptualization of cyberbullying as a subtype of bullying or as a differentiated typology. Implications for future research are discussed.

Keywords: cyberbullying; psychological characteristics; systematic review; cyberbullies

Índice

Enquadramento Teórico.....	2
Objetivo.....	7
Método.....	7
Resultados.....	12
Discussão.....	18
Referências.....	22
Anexo.....	29

Índice de Siglas

BFI- *Big Five Inventory*

EIS- *Eysenck Impulsiveness Scale*

EPC- Escala de problemas de conduta

FFMRF - *Five-Factor Model Rating Form*

ICU- *Inventory of Callous Unemotional Traits*

LGBT- Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgénero

MDKS- *Decision-Making Scale*

MLSC- *My Life in School Checklist*

TCC- Tecnologias da Informação e Comunicação

VAST- *Varieties of Sadistic Tendencies Scale*

WWW- *Word Wide Web*

Índice de Figuras

Figura 1.....	11
---------------	----

Índice de Quadros

Quadro 1.....	29
---------------	----

Enquadramento Teórico

A era digital: das potencialidades aos riscos

A nossa sociedade está em constante mutação, procurando o ser humano desenvolver novos mecanismos de comunicação. No final do século passado, surgiram as novas Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC), que apresentam uma evolução rápida. As TIC originaram uma transformação na forma como as pessoas se relacionam entre si. A *internet*, que emergiu em 1960, é a principal causa desta mudança e o ciberespaço passa a ser o local onde a comunicação decorre frequentemente (Cendón, 2000).

Desenvolve-se uma sociedade em rede paralela ao mundo real/físico, sendo denominada por ciberespaço, este pode ser definido como, um ambiente onde as pessoas comunicam e se relacionam, onde ocorre a partilha de experiências, de negócios, constroem-se novas amizades e expressam-se opiniões entre outros vários aspetos que integram o nosso quotidiano. Para Fernandes (2014), o ciberespaço é designado como “a rede global de infraestruturas de tecnologias de informação interligadas entre si, especialmente as redes de telecomunicações e os sistemas de processamento dos computadores” (p.12). A criação do computador em 1946, nos Estados Unidos da América, permitiu a capacidade de estarmos interligados em rede através da *World Wide Web* (WWW), que impulsionou o crescimento desta comunidade em rede e ampliou o uso do computador como fonte de comunicação e informação (Castells, 2007).

A evolução tecnológica trouxe imensas potencialidades como por exemplo, permitiu aumentar a proximidade entre os sujeitos e uma maior partilha de conhecimento e informação. Mas também trouxe algumas fragilidades, como o facto das pessoas se tornarem dependentes da *internet*, o que levou a uma massiva utilização dos meios tecnológicos, fazendo com que surgissem determinados perigos e ameaças que permitem explorar as vulnerabilidades destes sistemas informáticos. Segundo Fernandes (2014), “a difusão da *internet* gera novas dependências, vulnerabilidades e riscos: o mais óbvio é a possibilidade de ciberataques” (p.17).

Ora se por um lado, esta nova era digital facilitou a vida dos cidadãos a todos os níveis: laboral, social e pessoal, também deu espaço para que pudessem surgir comportamentos ilícitos. Estas condutas ilícitas são designadas por cibercrime sendo que, também pode ser denominado por crime digital ou crime informático. Os crimes são

praticados no ciberespaço através de computadores utilizando redes de comunicação (César & Júnior, 2019).

Cibercrime: Definição e Tipologias

No que concerne à definição de cibercrime, não existe um consenso entre os investigadores quanto à mesma, no entanto este pode ser definido como “todo o ato em que o computador ou um meio de tecnologia da informação serve para atingir um ato criminoso ou os meios de tecnologia da informação são objeto de crime.”, ou seja, num sentido amplo, a criminalidade informática são todas as atividades criminosas realizadas através dos computadores ou meios tecnológicos (César & Júnior, 2019, p.2).

A Comissão Europeia apresenta uma outra forma de definir cibercrime, sendo a mais consensual na Europa, este é denominado como, “violações criminais cometidas por meio de redes de comunicação eletrónica e sistemas de informações ou contra tais redes e sistemas” (p.17). Realiza também uma categorização do cibercrime, estando dividido em três categorias. A primeira engloba as formas tradicionais de cibercrime, a título de exemplo, a fraude, a segunda diz respeito, à publicação de conteúdos ilícitos nos meios de comunicação e por fim, a terceira são os crimes informáticos, como por exemplo, os ataques dos sistemas de informação e a pirataria (Amador, 2012).

Esta nova forma de organização da sociedade fez surgir novos conceitos, como os mencionados anteriormente, sendo que algumas destas conceptualizações mais tradicionais foram adaptadas como é o caso do conceito de segurança. Com o aumento dos crimes informáticos, predomina o pensamento que o ciberespaço é um local pouco seguro, onde a privacidade dos sujeitos está em risco de poder ser violada e no qual existe um anonimato dos utilizadores (Amador, 2012). Neste contexto surge o termo cibersegurança, que consiste, num conjunto de medidas e ações de “prevenção, monitorização, deteção, reação, análise e correção que visam manter o estado de segurança desejado e garantir a confidencialidade, integridade, disponibilidade (...) das redes e sistemas de informação no ciberespaço, e das pessoas que nele interagem” (Centro Nacional de Cibersegurança, 2020, p.16).

O ciberespaço tornou os perpetradores mais eficientes ao cometerem crimes dado que, conseguem chegar a muitas pessoas à distância de um clique. Isto faz surgir as diferentes tipologias do crime informático, pelo facto de não haver uma definição universal e consensual dos crimes que ocorrem no mundo digital. De acordo com Fafinski e seus

colaboradores (2010), o cibercrime pode ser dividido em três tipologias, sendo estas: os crimes contra a máquina tendo como exemplo, roubar um computador, crimes na máquina a título de exemplo, o armazenamento de imagens de exploração infantil e os crimes através da máquina como por exemplo, a fraude. Das mencionadas, salienta-se o foco para a categoria dos crimes através da máquina uma vez que, são crimes que podem ocorrer no mundo real, designados por crimes tradicionais, e que muitas vezes passam a ter uma dimensão virtual, tal como, o *cyberbullying*. No que diz respeito à legislação deste cibercrime, não há uma tipificação legal específica, sendo integrado na lei do cibercrime que engloba os crimes que envolvem os sistemas informáticos (Brito & Haonat, 2011).

Para conseguir-se compreender o conceito de *cyberbullying*, importa primeiro definir *bullying* para perceber as transformações que as TIC originaram. Este caracteriza-se por “agressões, ameaças ou outras formas de intimidação, premeditadas e repetidas entre pessoas com diferentes posições de poder numa determinada relação social, presentes no mesmo tempo e espaço” (Freire et al., 2013, p.4). Pode ocorrer de forma direta através das interações face a face, que inclui os comportamentos físicos e verbais (e.g. bater, ameaçar e insultar) e de modo indireto através do isolamento e exclusão social e de espalhar boatos (Arseneault et al., 2010; Van der Wal et al., 2003).

O fenómeno do *cyberbullying* surge aproximadamente, no final de 1990 e início de 2000, devido ao uso massivo dos equipamentos eletrónicos, sendo visto como uma nova expressão do *bullying* (Patchin & Hinduja, 2015). Segundo Smith e seus colegas (2008), o *cyberbullying* é definido como “um ato agressivo, intencional, levado a cabo por um grupo ou por um indivíduo, com recurso à utilização de dispositivos eletrónicos, repetidamente ao longo do tempo contra uma vítima, ou várias, que não se conseguem defender facilmente” (p.1).

O conceito de *cyberbullying* é considerado ambíguo por diversos autores e por isso surgem diferentes tipologias do mesmo, sendo a mais consensual, a classificação apresentada pelo autor Willard (2007), que tem por base os tipos de agressão eletrónica: (1) o *flaming* que consiste em enviar mensagens grosseiras, vulgares e com raiva acerca de uma pessoa por *email* ou mensagem de texto para um grupo *online* ou para a pessoa em causa; (2) o assédio *online* que significa enviar de forma repetida a uma pessoa mensagens ofensivas através do *email*; (3) perseguição no ciberespaço que inclui ameaças de dano ou muito intimidantes; (4) a denigração (humilhar) caracteriza-se pelo envio de declarações prejudiciais ou cruéis sobre uma pessoa para outras pessoas ou a publicação desse

conteúdo *online*; (5) a dissimulação consiste em fingir ser outra pessoa e enviar ou publicar material *online* que deixa o sujeito a sentir-se mal; (6) o *outing* é enviar ou publicar *online* mensagens ou imagens que contém informação sensível e privada de uma pessoa; e (7) a exclusão que consiste em excluir de modo cruel um indivíduo de um grupo *online*. Por fim, existe uma característica distintiva entre os dois, no *bullying* a vítima conhece o agressor, porque há um contacto mais direto, face a face, enquanto no *cyberbullying* a vítima não sabe quem é o ofensor, há um anonimato do mesmo, o que pode levar à intensificação exacerbada da agressão e da confiança que possui pelo facto de não ser reconhecido (Dooley & Cross, 2009).

Prevalência do cibercrime e impacto

Quanto à prevalência dos crimes digitais, existem alguns estudos nacionais e internacionais que tentam medir os fenómenos, sendo que estes são maioritariamente quantitativos e os dados obtidos são bastante variáveis por causa da multiplicidade de metodologias, dos instrumentos, no geral são de autorrelato, critérios de análise e os conceitos utilizados dada a diversidade de conceptualizações existentes (Vandebosch & Cleemput, 2009).

Segundo uma investigação realizada por Boyes et al., (2014), acerca do *bullying* e *cyberbullying*, esta revelou que a nível internacional o continente africano, mais especificamente a África do Sul, é o país que apresenta maiores taxas de prevalência, entre os 46% e os 56%. Na Ásia os estudos são ainda recentes, existindo um efetuado por Cheng e seus colaboradores (2010), que mostra que aproximadamente 26% dos alunos do ensino básico foram vítimas de *bullying/cyberbullying*. Na América as percentagens oscilam entre os 10,3% e os 20,8% (Chaux & Castellanos, 2014). A nível europeu, mais concretamente em Portugal, os estudos são ainda escassos, dado que é um fenómeno recente e a investigação académica assenta em dissertações de mestrado e doutoramento. Salienta-se a realizada por Ventura (2011), que integra um estudo com alunos do terceiro ciclo, tendo este demonstrado existir uma prevalência de 19,5% nestes alunos com idades entre os onze e os dezassete anos. Destaca-se também, as taxas de maior incidência no litoral nacional e nos distritos de maior densidade populacional.

Considerando o facto do *cyberbullying* ser visto como uma extensão do *bullying*, muitas vezes, inicia-se no mundo real e posteriormente passa para o mundo virtual, sendo

um dos tipos de cibercrime com maiores taxas de prevalência, podendo estas variar entre os 6% e os 70% nos diversos países do mundo (Garaigordobil, 2011).

A investigação tem demonstrado que o impacto provocado pelo *cyberbullying* nas vítimas difere, dependendo de características como a idade e o sexo. O sexo feminino tem uma maior predisposição para os sintomas de internalização, como a ansiedade e a depressão, enquanto o sexo masculino surge associado aos sintomas de externalização, como os comportamentos agressivos, a delinquência e o uso de substâncias aditivas (Patchin & Hinduja, 2006). Relativamente à idade, os estudos mostram que há um auge do fenómeno no terceiro ciclo do ensino básico que vai diminuindo com a transição para o ensino secundário, sendo que os alunos mais novos do segundo e terceiro ciclos são regularmente vítimas, enquanto os alunos mais velhos são os agressores (Beale & Hall, 2007). A vitimação da qual foram alvo também pode contribuir para a baixa autoestima da vítima, assim como para o sofrimento emocional, associado aos sentimentos de raiva, frustração, tristeza, angústia, dificuldades de concentração e tendência para os comportamentos de automutilação e ideação suicida (Beran & Li, 2007; Hinduja & Patchin, 2010). Em suma, de um ponto de vista global, percebe-se o impacto significativo que o *cyberbullying* acarreta para as suas vítimas.

Quem são os perpetradores?

O anonimato do ciberespaço é um entrave ao conhecimento das características dos ofensores de cibercrime, existindo pouca informação empírica sobre os mesmos. De uma forma genérica sabe-se que, os ciberperpetradores tendem a ser homens que pertencem a uma faixa etária mais jovem. No entanto, os seus tipos (e.g. *ciberstalkers*, *hackers*, *cyberbullies*, ofensores sexuais) diferem consoante os objetivos, métodos e habilidades para cometerem o cibercrime (Van der Hulst & Neve, 2008).

No que concerne aos *cyberbullies*, um estudo realizado por Kowalski e Limber (2007), mostra que as agressoras do sexo feminino são mais prevalentes do que os do sexo masculino, mas estas são menos frequentes nos crimes que ocorrem no mundo real, isto é explicado pelo anonimato existente no mundo virtual. Em relação à idade, os estudos são díspares, uns referem que são os mais jovens os *cyberbullies*, outros mencionam que não há diferenças de idade quanto a estes. As características psicossociais associadas a estes perpetradores são a procura pela aprovação social, a falta de apoio por parte dos pares e o baixo aproveitamento escolar (Williams & Guerra, 2007).

A literatura e a investigação científica sobre o cibercrime, especificamente, sobre o *cyberbullying* estão maioritariamente direcionadas para as vítimas, negligenciando a componente do ofensor. Nesta problemática não basta apenas incidir sobre a vitimação ou estratégias de prevenção para a vitimação, mas essencialmente também desenvolver respostas preventivas e remediativas para a perpetração, sendo por isso fundamental conhecer quem são estes perpetradores e quais as suas características.

Por outro lado, verifica-se que os estudos sobre a caracterização dos *cyberbullies*, focam-se essencialmente nas características demográficas e/ou sociais (e.g., Kowalski & Limber, 2007; Williams & Guerra, 2007), descurando a componente da caracterização psicológica destes ofensores.

Assim, considerando a elevada prevalência do *cyberbullying*, o impacto significativo que provoca nas suas vítimas e a escassez de estudos sobre os perpetradores deste tipo de crime, é essencial proceder a uma revisão sistemática acerca do estado da investigação e da literatura sobre os *cyberbullies*, nomeadamente, sobre as suas características ou perfil psicológico.

Objetivo

Pretende-se obter uma descrição pormenorizada dos estudos e da literatura sobre o perfil/caracterização psicológica dos ofensores de *cyberbullying*.

Perante este objetivo, coloca-se a seguinte questão de investigação: O que é que a literatura e a investigação científica nos indicam sobre as características psicológicas dos perpetradores de *cyberbullying*?

Método

Protocolo

Para a presente revisão sistemática, desenvolveu-se um protocolo específico seguindo as diretrizes do PRISMA-P, como se poderá verificar ao longo da descrição do método (Moher et al., 2015).

Crêterios de Elegibilidade (PICOS)

P- Tipo de Participantes: perpetradores de *cyberbullying* do sexo masculino ou feminino jovens (a partir dos 12 anos) ou adultos.

I- Tipo de Intervenções: Considerando a questão de investigação, não se aplica a componente interventiva.

C- Comparação: Considerando a questão de investigação, não se aplica a componente comparativa.

O- *Outcomes/Resultados*: características psicológicas associadas aos ofensores de *cyberbullying*.

S- *Studies/Estudos*: Estudos quantitativos ou qualitativos e outras publicações de natureza científica (revisões sistemáticas e/ou meta-análises) que caracterizem ao nível psicológico os *cyberbullies*.

Em síntese, seguiram-se os seguintes critérios de inclusão e exclusão:

Crêterios de Inclusão

- a) Publicações com idioma inglês, Português e Castelhana.
- b) Publicações desde 1990, (década que surgiram os primeiros estudos sobre *cyberbullying*) até 2022.
- c) Estudos empíricos qualitativos e quantitativos, revisões sistemáticas ou meta-análises.
- d) Estudos empíricos que caracterizem em termos psicológicos os perpetradores de *cyberbullying*.
- e) Participantes com idade igual ou superior a 12 anos, dado que a literatura indica uma maior prevalência do fen meno a partir desta faixa etária (Beale & Hall, 2007).
- f) Publicações disponíveis na *web*, dado que atualmente todas as publicações têm algum tipo de registo digital.

Crêterios de Exclusão

- a) Revisões teóricas.
- b) Publicações noutras línguas que não o português, inglês ou castelhano.
- c) Publicações não científicas (e.g. informações de sites, notícias).

- d) Estudos sobre *cyberbullying* e *bullying* ou estudos com *cyberbullies* e *bullies*, mas que não analisem separadamente os *cyberbullies*.
- e) Publicações sobre *cyberbullying* focadas nas vítimas.
- f) Publicações sobre *cyberbullying* focadas nas vítimas e nos ofensores, mas que não caracterizem separadamente os ofensores.

Fontes de Informação

Esta pesquisa foi aplicada às seguintes bases de dados eletrônicas: *B-on* (biblioteca do conhecimento *online*), EBSCO (*Psy and Behav Sciences and PsycInfo*), *Pub-Med*, *Web of Science*, *Scielo* (*Scientific Eletronic Library Online*), Capes Periódicos e DOAJ (*Directory of Open Access Journals*).

A pesquisa foi realizada entre 1 de julho e 31 de agosto de 2021.

Pesquisa

Foram utilizados os seguintes termos de pesquisa em todas as bases de dados:

- *Cyberbullying OR cyber bullying OR cyber-bullying OR online harassment OR online bullying AND offenders OR criminals OR prisoner OR felons OR convictions OR inmates OR delinquents*

Foram utilizados como filtros a opção de pesquisa no “*abstract*” para delimitar o foco das publicações e “*analisado por pares*” de forma a obter publicações de maior rigor científico.

De modo, a validar o processo da revisão sistemática, a análoga estratégia de pesquisa foi replicada por um par, tendo-se obtido os mesmos resultados. No fim da revisão, a pesquisa foi atualizada, não existindo alterações nos resultados.

Seleção das publicações

O processo de seleção das publicações, foi realizado de forma independente e cega por dois investigadores, desde a sua triagem até à elegibilidade para a inclusão das mesmas na presente revisão sistemática. Especificamente, o processo, numa primeira fase, foi elaborado pelo investigador responsável pela revisão. Posteriormente ao seu término, os critérios de pesquisa e os critérios de elegibilidade foram apresentados a um segundo

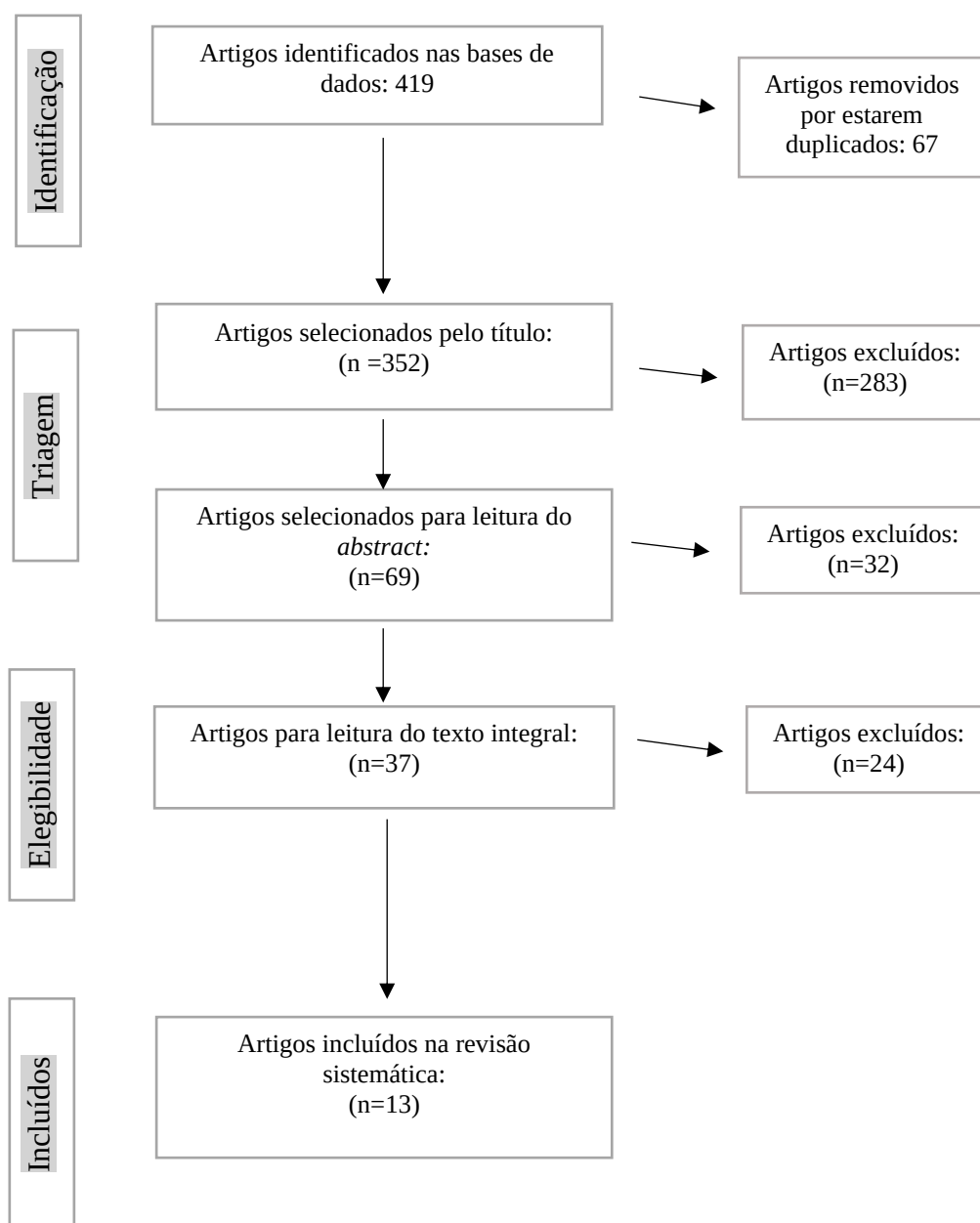
investigador, de modo a executar o processo de seleção aplicando os mesmos critérios. Os desentendimentos entre investigadores foram resolvidos por um terceiro investigador.

Processo de recolha de dados

Considerando os critérios de elegibilidade, nomeadamente, os critérios de inclusão e de exclusão, o processo de recolha de dados efetuou-se em cinco etapas (cf. Figura 1-Fluxograma).

- **Etapas 1-2**- Numa primeira etapa, identificaram-se 419 publicações. Destas 67 eram duplicados, que foram removidos.
- **Etapas 2-3**- Procedeu-se à triagem de 352 publicações pelo título, tendo-se excluído 283.
- **Etapas 3-4**- A seguir, procedeu-se à triagem pela leitura do *abstract*, tendo-se excluído 32 publicações pelo facto de não cumprirem os critérios de inclusão:
 - 8 publicações focavam o impacto/consequências nas vítimas;
 - 11 abordavam a caracterização/legislação do *cyberbullying*;
 - 3 não abordavam o fenómeno do *cyberbullying*;
 - 3 em outras línguas que não o inglês, português e castelhano;
 - 1 tratava-se da validação de um instrumento que permitia quantificar o fenómeno do *bullying*;
 - 1 focada na convenção dos direitos das crianças e as mesmas como vítimas deste fenómeno;
 - 1 sobre os traços de personalidade da comunidade LGBT e a relação com o *bullying* fóbico;
 - 1 focada nos diversos tipos de apoio disponíveis para as vítimas do *cyberbullying*;
 - 1 sobre um modelo teórico que permite analisar os comportamentos antissociais;
 - 2 apenas abordavam os ofensores de crimes informáticos no geral, sem caracterizar especificamente os *cyberbullies*.
- **Etapas 4-5**- Procedeu-se à leitura integral de 37 publicações, considerando a análise atenta dos critérios de elegibilidade. Foram excluídas 24 publicações, por não cumprirem os critérios:
 - 4 focavam a vitimação;

- 10 não caracterizavam separadamente os *cyberbullies* dos *bullies*;
 - 3 sobre os diferentes tipos de *cyberbullying*, sem mencionar os ofensores;
 - 2 com amostras constituídas por participantes com idade inferior a 12 anos;
 - 1 era uma revisão teórica;
 - 1 focada apenas nas características demográficas dos ofensores e vítimas;
 - 2 focadas no cibercrime, sem especificar o *cyberbullying*;
 - 1 sobre agressores e vítimas de crimes digitais, sem caracterizar os ofensores de *cyberbullying*.
- **Etapa 5-** Após a leitura de todos os artigos, incluíram-se 13 publicações que integram a presente revisão sistemática.

Figura 1*Fluxograma*

Resultados

Como referido no processo de recolha de dados, após a análise dos critérios de elegibilidade, 13 publicações integram a presente revisão sistemática, descritas individualmente de acordo com o PICOS (cf. Quadro 1). Em seguida, realiza-se uma descrição global e integradora das publicações.

1. Tipo de publicação, ano e país das publicações

No que diz respeito ao tipo de publicação, constata-se que os estudos são todos quantitativos. Em relação ao ano das publicações, verifica-se que o interesse pela caracterização dos *cyberbullies* iniciou-se na segunda década do presente século - a mais antiga é de 2010, focando a autoestima (Patchin & Hinduja, 2010). É notório o crescente interesse da investigação pela caracterização psicológica dos perpetradores de *cyberbullying* a partir de 2016, tendo vindo a crescer principalmente nos últimos anos.

A maioria dos estudos têm sido desenvolvidos no continente Europeu (n=5) e no continente Asiático (n=5). Na Europa identificam-se dois estudos em Espanha (Buelga et al., 2015; Garaigordobil, 2016), dois na Inglaterra (Brown et al., 2019; Pascual-Sanchez et al., 2021) e um na Holanda (Van Geel et al., 2016). Na Ásia, destaca-se a Coreia do Sul (Cho & Galehan, 2019; Choi & Kruis, 2018) e o Irão (Shadmanfaat et al., 2018; Shadmanfaat et al., 2020), respetivamente cada um com dois estudos, e Hong Kong (Choon & Wong, 2020) com uma publicação.

Por fim, salienta-se os Estados Unidos da América (Patchin & Hinduja, 2010; Seigfried-Spellar & Treadway, 2014; Varghese & Pistole, 2017) com três investigações.

2. Design dos estudos e características das amostras

Relativamente ao *design* dos estudos, a maior parte adota um *design* transversal e retrospectivo (n=10) na caracterização psicológica dos *cyberbullies*. Os restantes são dois estudos longitudinais (Cho & Galehan, 2019; Choi & Kruis, 2018) e um correlacional (Brown et al., 2019).

As amostras são maioritariamente mistas, ou seja, são constituídas por rapazes e raparigas, sendo que existem dois estudos que integram apenas rapazes (Shadmanfaat et al., 2018; Shadmanfaat et al., 2020).

A maior parte das publicações recorreu a grupos comparativos ($n=10$), sendo que destas quatro comparam os agressores de *cyberbullying* com os perpetradores de *bullying* (Choi & Kruis, 2018; Garaigordobil, 2016; Pascual-Sanchez et al., 2021; Van Geel et al., 2016), três ofensores de *cyberbullying* com não agressores/jovens normativos (Buelga et al., 2015; Seigfried-Spellar & Treadway, 2014; Varghese & Pistole, 2017), uma compara *cyberbullies* e vítimas de *cyberbullying* (Patchin & Hinduja, 2010), uma compara *cyberbullies*, vítimas de *cyberbullying*, e *bullies* (Choon & Wong, 2020). Por último, um estudo compara rapazes e raparigas ao nível dos preditores de *cyberbullying* (Brown et al., 2019).

3. Contexto de recrutamento e processo de amostragem

No que concerne ao contexto de recrutamento, todas as amostras foram recolhidas na comunidade, mais especificamente, no contexto escolar: seis em escolas secundárias (Buelga et al., 2015; Choi & Kruis, 2018; Garaigordobil, 2016; Pascual-Sanchez et al., 2021; Shadmanfaat et al., 2020; Van Geel et al., 2016), três em escolas básicas (Cho & Galehan, 2019; Choon & Wong, 2020; Patchin & Hinduja, 2010), três em universidades (Seigfried-Spellar & Treadway, 2014; Shadmanfaat et al., 2018; Varghese & Pistole, 2017) e uma *online* (Brown et al., 2019).

A maior parte das investigações utilizam amostras aleatórias ($n = 6$), quatro usam amostras aleatórias estratificadas em função das escolas de cada região (Buelga et al., 2015; Choi & Kruis; Choon & Wong, 2020; Garaigordobil, 2016), duas recorrem à amostragem intencional visto que, numa os participantes tinham de cumprir o critério ser ofensor e para a outra - ser aluno do ensino secundário (Pascual-Sanchez et al., 2021; Van Geel et al., 2016) e uma à amostragem por conveniência dado que, os participantes foram recrutados na universidade em função do critério de inclusão - ter idade igual ou superior a dezanove anos (Seigfried-Spellar & Treadway, 2014).

4. Instrumentos utilizados e dimensões (características psicológicas) avaliadas

Tendo em conta o facto de serem todos estudos quantitativos, estes recorrem a medidas estandardizadas, mais concretamente, a instrumentos de autorrelato, como questionários ou escalas para avaliar as características do foro psicológico.

As medidas de autorrelato utilizadas são bastante diversificadas, procurando sobretudo analisar características da personalidade. Para a sua avaliação salienta-se o *Five-Factor Model Rating Form* (FFMRF) e o *Big Five Inventory* (BFI) ambos quantificam os cinco

traços da personalidade: a amabilidade, extroversão, abertura à experiência, conscienciosidade e neuroticismo (Seigfried-Spellar & Treadway, 2014; Van Geel et al., 2016).

Outros traços da personalidade foram avaliados através dos testes *Dark Tetrad Personality Traits* e *Dark Triad Questionnaire* que têm como finalidade avaliar a psicopatia, o narcisismo e o maquiavelismo (Brown et al., 2019; Van Geel et al., 2016). Noutro estudo aplicou-se a *Childhood Narcissism Scale* que serviu, igualmente, para a avaliação do narcisismo (Pascual-Sanchez et al., 2021). Os estudos que efetuaram a avaliação do sadismo utilizaram testes diferentes, o *Varieties of Sadistic Tendencies Scale* (VAST) e o *Short Sadistic Impulse Scale* (Brown et al., 2019; Van Geel et al., 2016). O instrumento *Eysenck Impulsiveness Scale* (EIS) serviu para avaliar o comportamento impulsivo (Pascual-Sanchez et al., 2021)

A dimensão da autoestima é avaliada por várias publicações (Choon & Wong, 2020; Pascual-Sanchez et al., 2021; Patchin & Hinduja, 2010; Varghese & Pistole, 2017), através da *Self-Esteem scale*. Assim como, a componente do autocontrolo (Cho & Galehan, 2019; Choi & Kruis, 2018; Shadmanfaat et al., 2018) sendo a sua mensuração realizada por distintos instrumentos, (*LSC scale*, a *Self-control scale* e por outras escalas contruídas para o efeito.

Para além destas, são avaliadas outras dimensões, para as quais usaram-se instrumentos mais específicos, como o *Decision-Making Scale* (MDKS) que serviu para avaliar a disposição cognitiva de cada indivíduo (Seigfried-Spellar & Treadway, 2014), o *Inventory of Callous Unemotional Traits* (ICU) para aferir a insensibilidade de uma pessoa (Pascual-Sanchez et al., 2021), o *Conflictalk* para aferir as competências de resolução de conflitos (Garaigordobil, 2016), *Center for Epidemiologic Studies Depression Scale* para avaliar a depressão e o *UCLA Loneliness Scale* para a solidão (Varghese & Pistole, 2017).

As investigações também avaliam indicadores de ajustamento psicológico, como os comportamentos antissociais na escola e comunidade, a reputação social e a satisfação com a vida através das medidas estandardizadas: *Scale of anti-social behaviours at school*, *Scale of antisocial behaviours in the community*, *Scale of non-conforming social reputation* e *Life satisfaction scale* (Buelga et al., 2015). Bem como, a escala de problemas de conduta (EPC), e o questionário de condutas antissociais (Garaigordobil, 2016). A avaliação do comportamento pró-social efetuou-se através da *My Life in School Checklist*

(MLSC) (Choon & Wong, 2020) e a associação diferencial pela administração da *Self-report scale* (Shadmanfaat et al., 2018).

Por fim, ao nível do raciocínio moral avaliou-se a identidade moral e as emoções morais como a culpa e a vergonha antecipada, através de escalas criadas com esse propósito (Shadmanfaat et al., 2020), assim como, para a empatia e para os estilos de vida cibernéticos (Cho & Galehan, 2019; Choon & Wong, 2020).

5. Indicadores que caracterizam psicologicamente os *cyberbullies*

No que se refere à caracterização psicológica dos perpetradores de *cyberbullying*, as dimensões mais estudadas são a autoestima (n=4), as características de personalidade (n=4), seguindo-se o autocontrolo (n=3).

No que diz respeito à autoestima, os resultados, globalmente considerados, não são consensuais, havendo um estudo que indica que os *cyberbullies* apresentam mais baixa autoestima (Varghese & Pistole, 2017) e outros que indicam que não é uma característica distintiva deste tipo de ofensores (Choon & Wong 2020; Pascual-Sanchez et al., 2021; Patchin & Hinduja, 2010).

No entanto, constata-se que esta variabilidade dos resultados está relacionada com o tipo de amostras utilizadas, especificamente, com as amostras comparativas. Assim, verifica-se que o estudo que foca exclusivamente a autoestima e compara os *cyberbullies* com as vítimas, indica que as vítimas apresentam menor autoestima, como seria expectável pelas consequências da vitimação, comparativamente aos agressores de *cyberbullying* (Patchin & Hinduja, 2010).

O estudo que compara *cyberbullies* e *bullies* (Pascual-Sanchez et al., 2021), analisou vários traços da personalidade, incluindo a autoestima, demonstrando que ambos apresentam baixos níveis de autoestima, não havendo diferenças significativas, o que pode indicar que a baixa autoestima não é uma característica distintiva do *cyberbullying*, mas provavelmente dos agressores em geral.

Por seu turno, o estudo de Choon & Wong (2020), que comparou os *cyberbullies*, as vítimas e os jovens simultaneamente vítimas/ofensores de *cyberbullying*, indica que todos apresentam baixos valores de autoestima, não havendo diferenças entre os três grupos.

Por fim, o estudo que compara *cyberbullies* com jovens não agressores (Varghese & Pistole, 2017), focou a autoestima, depressão e solidão, indicando que os *cyberbullies*

apresentam menores níveis de autoestima, embora não se diferenciem ao nível dos indicadores de depressão e solidão.

Em relação aos estudos centrados nos traços da personalidade (n=4), nomeadamente, nas características que integram a tétrede negra (sadismo, maquiavelismo, psicopatia e narcisismo), os *big five* e outras variáveis, verifica-se a mesma tendência.

Os estudos que comparam os *cyberbullies* e *bullies*, indicam que ambos apresentam baixos níveis de amabilidade e altos níveis de impulsividade, narcisismo e insensibilidade, não existindo diferenças entre os grupos (Pascual-Sanchez et al., 2021; Van Geel et al., 2016).

Por seu turno, o estudo correlacional que analisou os preditores de *cyberbullying*, procurando comparar raparigas e rapazes, focando as dimensões da tétrede negra, concluiu que o maquiavelismo e a psicopatia estão associados a valores mais elevados de perpetração de *cyberbullying* em ambos os sexos. No entanto, tal não se verifica no sadismo e no narcisismo, associando-se apenas às raparigas, ou seja, o sadismo e o narcisismo são preditores de *cyberbullying* nas raparigas, mas não nos rapazes (Brown et al., 2019).

Por último, a investigação que compara os *cyberbullies* dos jovens não ofensores, centrada nos *big five*, indica que estes se distinguem pelo facto de os altos níveis de neuroticismo e baixos níveis de amabilidade caracterizarem os *cyberbullies* (Seigfried-Spellar & Treadway, 2014).

Relativamente ao autocontrolo (n=3), os resultados apresentam o mesmo padrão, em função do tipo de estudo. Assim, os estudos correlacionais, centrados exclusivamente nesta característica, indicam que os menores níveis de autocontrolo estão associados à perpetração de *cyberbullying*, sendo este um preditor de *cyberbullying* (Cho & Galehan, 2019; Shadmanfaat et al., 2018).

Por seu turno, o estudo que procede à comparação entre *cyberbullies* e *bullies*, analisando os domínios do *self* (autocontrolo), indica que não há diferenças entre os grupos - menores níveis de autocontrolo estão relacionados quer à perpetração de *bullying* como à perpetração do *cyberbullying* (Choi & Kruis, 2018).

No que concerne às características/comportamentos antissociais (n=2), o estudo que compara *cyberbullies* com *bullies* analisando o comportamento antissocial e as estratégias de resolução de conflitos, indica que ambos os grupos se encaixam no perfil antissocial e

adotam estratégias de resolução de conflitos inadequadas, mais especificamente, as estratégias agressivas (Garaigordobil, 2016).

Por outro lado, o estudo que compara os *cyberbullies* com os não ofensores- avaliando a satisfação com a vida, reputação social e comportamentos antissociais na escola e comunidade - indica que os *cyberbullies* têm um perfil psicossocial menos adaptativo comparativamente aos não ofensores. Especificamente, indica que o *cyberbullying* surge associado de forma negativa à satisfação com a vida e, de modo positivo, com a reputação social e os comportamentos antissociais na escola e comunidade (Buelga et al., 2015).

Por fim, as investigações focadas no raciocínio moral são unânimes ao indicarem que os *cyberbullies* têm baixos valores morais. O estudo correlacional foca as emoções morais (culpa e vergonha antecipada), a identidade moral e os valores morais, indicando que os indivíduos com alta identidade moral e valores morais tendem a possuir maiores níveis de culpa e vergonha antecipada. Assim, os resultados indicam que níveis mais baixos de emoções morais predizem níveis mais altos de *cyberbullying* (Shadmanfaat et al., 2020).

No mesmo sentido, indica a investigação que compara os *cyberbullies* com os não ofensores, cujos resultados revelam que há diferenças significativas entre os grupos - os baixos valores morais internos surgem associados aos *cyberbullies* (Seigfried-Spellar & Treadway, 2014).

Procedendo a uma análise global dos estudos, é possível verificar um padrão:

- Os estudos que comparam os *cyberbullies* com os não ofensores indicam que os ofensores de *cyberbullying* apresentam diferenças nas variáveis psicológicas estudadas – baixa autoestima (Varghese & Pistole, 2017), maiores níveis de neuroticismo, menores níveis de amabilidade (Seigfried-Spellar & Treadway, 2014), um perfil psicossocial menos adaptativo (Buelga et al., 2015) e menores valores morais internos (Seigfried-Spellar & Treadway, 2014).

- Os estudos correlacionais identificam variáveis psicológicas como preditores de *cyberbullying*, indicando que níveis baixos de autocontrolo estão associados à perpetração de *cyberbullying* (Cho & Galehan 2019; Shadmanfaat et al., 2018), assim como determinadas características de personalidade - maquiavelismo e psicopatia nos rapazes e raparigas e valores mais elevados de sadismo e narcisismo, apenas nas raparigas (Brown et al., 2019).

- Os estudos que comparam *cyberbullies* com *bullies* não identificam diferenças nas características estudadas – ambos apresentam baixos níveis de autoestima (Pascual-Sanchez

et al., 2021), menores níveis de amabilidade e maiores níveis de impulsividade, narcisismo e insensibilidade (Pascual-Sanchez et al., 2021; Van Geel et al., 2016), bem como, ambos se encaixam no perfil antissocial e adotam estratégias de resolução de conflitos interpessoais inadequadas (Garaigordobil, 2016).

Discussão

Os resultados da revisão sistemática mostram que, as investigações realizadas até ao momento, sobre a caracterização psicológica dos *cyberbullies* são ainda escassas, sendo poucos os estudos que focam especificamente as características ou perfil psicológico destes ciberperpetradores.

O interesse pela caracterização psicológica dos *cyberbullies*, começou a ser mais evidente a partir de 2016, podendo isto ser explicado pelo facto de o *cyberbullying* ser um fenómeno transversal, que emergiu com o aparecimento da *internet* (redes sociais) (Sakellariou et al., 2012). Outra explicação, pode ser os seus níveis de prevalência que têm vindo aumentar consecutivamente ao longo dos anos, devido ao uso massivo dos dispositivos eletrónicos, existindo uma maior preocupação relativamente a este fenómeno e a formas de lidar com o mesmo (Slonje & Smith, 2008). O *cyberbullying* é um fenómeno comum entre os adolescentes e tem vindo a tornar-se num problema crítico na sociedade e no mundo. Sendo visto, como um tipo de *bullying* mais complexo e perigoso para a saúde e bem-estar dos jovens e consequentemente, mais difícil para as escolas aprenderem a lidar com o mesmo. Isto, pode ter despoletado o interesse na comunidade científica, em identificar características individuais, como o perfil psicológico destes ofensores (Kowalski et al., 2008).

No que se refere às variáveis psicológicas analisadas, verifica-se que os estudos se têm focado essencialmente na autoestima (Choon & Wong 2020; Varghese & Pistole, 2017; Pascual-Sanchez et al., 2021; Patchin & Hinduja, 2010), nos traços de personalidade (Brown et al., 2019; Pascual-Sanchez et al., 2021; Seigfried-Spellar & Treadway, 2014; Van Geel et al., 2016), no autocontrolo (Cho & Galehan, 2019; Choi & Kruis, 2018; Shadmanfaat et al., 2018) e no raciocínio moral (Seigfried-Spellar & Treadway, 2014; Shadmanfaat et al., 2020). O foco nas características de personalidade, no autocontrolo e no raciocínio moral está relacionado com as diferentes teorias explicativas do comportamento criminal. As teorias da personalidade e a investigação, indicam que há determinadas características da personalidade que estão mais associadas à criminalidade, nomeadamente,

a psicopatia, falta de empatia, amabilidade e narcisismo (Ang & Goh, 2010; Brown et al., 2019). Por seu turno, o baixo-autocontrolo e/ou impulsividade é uma das variáveis mais referenciadas na literatura, tal como a teoria geral do crime (Gottfredson & Hirshi, 1990).

Vários estudos com distintas tipologias do crime indicam que os perpetradores apresentam impulsividade e/ou baixo autocontrolo (Eysenck & Eysenck, 1978). O raciocínio moral está relacionado com as teorias cognitivas, indicando que os ofensores apresentam um retardamento no desenvolvimento do julgamento moral e distorções cognitivas egocêntricas, ou seja, só pensam nos seus próprios interesses (Koller & Bernardes, 1997).

No que diz respeito à autoestima, não é uma variável que seja usualmente associada à prática de crime. No entanto, no caso do *cyberbullying* e do *bullying* – as investigações têm demonstrado que esta desempenha um papel específico, podendo ser um fator de risco ou protetor dependendo do seu nível, dado que os seus baixos níveis surgem associados à prática destes tipos de cibercrime (Fan et al., 2016).

Face ao exposto, conclui-se a necessidade de um maior investimento da investigação na caracterização psicológica dos *cyberbullies*, dada a escassez de estudos neste âmbito. Adicionalmente, face ao foco da investigação nas dimensões do autocontrolo, autoestima e personalidade, verifica-se a importância de ampliar o leque de variáveis estudadas, no sentido de obter uma caracterização psicológica mais global e integrada dos *cyberbullies*.

Neste sentido, pode ser adequado avaliar outros indicadores psicológicos, referenciados na literatura como associados à violência juvenil e adulta, como problemas de saúde mental, elevados níveis de agressividade, consumo de substâncias (Berthold & Hoover, 2000).

Assim, apesar da escassez dos estudos e da restrição do seu foco, o que é que a investigação, até à data, nos indica sobre as características psicológicas dos perpetradores de *cyberbullying*?

Da análise dos estudos, pode concluir-se que os *cyberbullies* parecem apresentar características psicológicas que os diferenciam dos não agressores, nomeadamente: mais baixa autoestima, baixo autocontrolo, níveis mais elevados de neuroticismo, menores níveis de amabilidade, um perfil psicossocial menos adaptativo e menores valores morais internos. No mesmo sentido, apontam os estudos correlacionais, identificando como preditores de *cyberbullying* o baixo autocontrolo e algumas características de personalidade, tais como, a psicopatia, níveis elevados de maquiavelismo e, no caso das

raparigas, associa-se a esta lista níveis mais elevados de sadismo e narcisismo (Brown et al., 2019).

Por outro lado, conclui-se que os *cyberbullies* e *bullies* parecem partilhar das mesmas características psicológicas, dado que todos os estudos que procedem à sua comparação não identificam diferenças. Pelo contrário, os estudos indicam que *cyberbullies* e *bullies* se assemelham ao nível da autoestima, amabilidade, narcisismo, insensibilidade, perfil antissocial e na utilização de estratégias de resolução de conflitos interpessoais inadequadas.

Assim, os estudos parecem indicar que o perfil psicológico dos *cyberbullies* não se diferencia dos *bullies*, o que pode contribuir para o debate acerca da conceptualização do *cyberbullying* como um subtipo de *bullying* ou como uma tipologia diferenciada (Chang, 2021). Falarmos na conceptualização dos fenómenos implica abordar também as suas vítimas e os seus perpetradores. Assim, considerando os ofensores, estes resultados parecem reforçar a ideia de que o *cyberbullying* é uma extensão do *bullying*. O autor Li (2005), reforça esta ideia referindo que o *cyberbullying* não deve ser separado do *bullying*, uma vez que, estes estão significativamente correlacionados, tendo em conta que, aproximadamente 30% dos *bullies* são simultaneamente também *cyberbullies*. No entanto, os investigadores mostram-se divididos quanto ao conceito de *cyberbullying* como um subtipo de *bullying* ou como uma tipologia diferente do *bullying* (Juvonen & Gross, 2008; Olweus, 2013).

De acordo com os autores Bauman (2009), Li (2005), Monks et al., (2012), Sourander et al., (2010), estes defendem que o *cyberbullying* é uma continuação/extensão do *bullying*, ou seja, o *bullying* começa na escola e continua no mundo virtual. A literatura também aponta que as características que distinguem principalmente o *cyberbullying* do *bullying* são: o anonimato do agressor, não ter receio de ser apanhado, a incapacidade de o perpetrador observar as reações imediatas da vítima, a ausência de restrições de tempo e espaço e ser mais agressivo *online* do que seria face a face (Kowalski, et al., 2008; Ybarra et al., 2007).

Neste sentido, é fundamental desenvolverem-se mais estudos que comparem *cyberbullies* e *bullies* ao nível da sua caracterização psicológica e ao nível dos preditores, de forma a clarificar a questão da similaridade vs. diferenciação. Neste âmbito, seria de extrema importância diferenciar em termos de amostras *cyberbullies*, *bullies* e *bullies/cyberbullies*, dado o debate na literatura e investigação científica sobre o

cyberbullying ser visto como uma extensão do *bullying*, podendo haver perpetradores que simultaneamente são *bullies* e *cyberbullies*.

Por outro lado, considera-se pertinente desenvolver estudos que comparassem perpetradores de *cyberbullying*, ofensores de *bullying* e não agressores, no sentido de compreender se os dois grupos de agressores se diferenciam de forma idêntica dos não agressores, ou se há diferenças entre os *cyberbullies* e os *bullies* quando comparados com os não agressores.

Por fim, não se pode deixar de realçar a inexistência de estudos que considerem as diferenças de género, ou seja, que procurem analisar o *cyberbullying* feminino e comparar com os perpetradores masculinos. Identificou-se apenas um estudo que procede a esta comparação e que identificou o sadismo e o narcisismo como estando exclusivamente associados à perpetração de *cyberbullying* nas raparigas (Brown et al., 2019). Por este motivo e à semelhança do que ocorre noutros tipos de crime (Andrade, 2021), é importante efetuarem-se mais investigações que procurem explorar a especificidade vs. similaridade da perpetração feminina no *cyberbullying*.

Tendo em consideração os resultados dos estudos, seria essencial os jovens que manifestam comportamentos antissociais, menor autoestima, baixo autocontrolo, tendo consequentemente altos níveis de impulsividade e agressividade, serem alvo de intervenção ao nível destas dimensões. Assim como, atuar ao nível preventivo contribuindo para a redução da prevalência deste tipo de cibercrime.

Referências

- Amador, R. N. J. (2012). *Cibercrime em Portugal: Trajetórias e Perspetivas de Futuro* [Master's thesis, Universidade Autónoma de Lisboa Luís de Camões]. Repositório Comum. <https://comum.rcaap.pt/handle/10400.26/17168>.
- Andrade, J.M.C. (2021). *Caracterização psicológica de mulheres que praticaram crime violentos: uma revisão sistemática da literatura*. Universidade Lusófona do Porto.
- Ang, R. P., & Goh, D. H. (2010). Cyberbullying among adolescents: The role of affective and cognitive empathy, and gender. *Child Psychiatry & Human Development*, 41, 387–397. doi: [10.1007/s10578-010-0176-3](https://doi.org/10.1007/s10578-010-0176-3).
- Arseneault, L., Bowes, L., & Shakoor, S. (2010). Bullying victimization in youths and mental health problems: ‘Much ado about nothing’? *Psychological medicine*, 40(5), 717-729. <https://doi.org/10.1017/S0033291709991383>.
- Bauman, S. (2009). Cyberbullying in a rural intermediate school: an exploratory study. *The Journal of Early Adolescence*, 30(6), 803-833. doi: [10.1177/0272431609350927](https://doi.org/10.1177/0272431609350927).
- Beale, A., & Hall, K. (2007). Cyberbullying: What school administrators and parents can do. *The Clearing House: A Journal of Educational Strategies, Issues and Ideas*, 81(1), 8-12. <https://doi.org/10.3200/TCHS.81.1.8-12>.
- Beran, T., & Li, Q. (2007). The relationship between cyberbullying and school bullying. *The Journal of Student Wellbeing*, 1(2), 15-33. <https://doi.org/10.21913/JSW.v1i2.172>
- Berthold, K. & Hoover, J. (2000). Correlates of bullying and victimization among intermediate students in the midwestern USA. *School Psychology International*, 21(1), 65–78.
- Boyes, M. E., Bowes, L., Cluver, L. D., Ward, C. L., & Badcock, N. A. (2014). Bullying victimisation, internalising symptoms, and conduct problems in South African children and adolescents: A longitudinal investigation. *Journal of Abnom Child Psychology*, 42(8), 1313-1324. doi:[10.1007/s10802-014-9888-3](https://doi.org/10.1007/s10802-014-9888-3).
- Brito, R. G. G., & Haonat, Â. I. (2013). Aplicabilidade das normas penais nas condutas ilícitas de cyberbullying cometidas em redes sociais na internet. *Revista Esmat*, 5(6), 201-232. <https://doi.org/10.34060/reesmat.v5i6.63>

- *Brown, W. M., Hazraty, S., & Palasinski, M. (2019). Examining the dark tetrad and its links to cyberbullying. *Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking*, 22(8), 552-557. <https://doi.org/10.1089/cyber.2019.0172>.
- *Buelga, S., Iranzo, B., Cava, M. J., & Torralba, E. (2015). Psychological profile of adolescent cyberbullying aggressors/perfil psicosocial de adolescentes agresores de cyberbullying. *Revista de Psicología Social*, 30(2), 382-406. <http://dx.doi.org/10.1080/21711976.2015.1016754>.
- Castells, M. (2007). *A galáxia internet: Reflexões sobre internet, negócios e sociedade*. (2ª ed.). Fundação Calouste Gulbenkian.
- Chang, V. (2021). Inconsistent definitions of bullying: A need to examine people's judgments and reasoning about bullying and cyberbullying. *Human Development*, 65(3), 144-159. doi: [10.1159/000516838](https://doi.org/10.1159/000516838).
- Chaux, E., & Castellanos, M. (2014). Money and age in schools: bullying and power imbalances. *Aggressive Behavior*, 41(3), 280–293. <https://doi.org/10.1002/ab.21558>
- Cendón, B.V. (2000). A internet. *Campello*, 1-13.
- Centro Nacional de Cibersegurança Portugal. (2021, julho 28). Relatório Cibersegurança em Portugal Riscos & Conflitos. Retirado de <https://www.cncs.gov.pt/pt/observatorio/#relatorios>.
- César, J., & Júnior A. (2019). Cibercrime: um estudo acerca do conceito de crimes informáticos, *Revista eletrônica da faculdade de direito de França*, 4(1), 341-351. <https://doi.org/10.21207/1983.4225.602>.
- Cheng, Y., Newman, I. M., Qu, M., Mbulo, L., Chai, Y., Chen, Y., & Shell, D. F. (2010). Being bullied and psychosocial adjustment among middle school students in China. *Journal of School Health*, 80(4), 193–199. doi:[10.1111/j.1746-1561.2009.00486.x](https://doi.org/10.1111/j.1746-1561.2009.00486.x)
- *Cho, S., & Galehan, J. (2019). The time-concurrent or time-ordered effect of population heterogeneity and state dependence on cyberbullying: Assessing lagged auto-regression and crossed-lagged regression models. *Computers in Human Behavior*, 100, 127-137.
- *Choi, J., & Kruis, N. E. (2018). The effects of life domains on cyberbullying and bullying: Testing the generalizability of Agnew's integrated general theory. *Crime & Delinquency*, 1-29. <https://doi.org/10.1177/0011128718814860>.

- *Choon, H. C., & Wong, D. S. (2020). The overlap between cyberbullying perpetration and victimisation: exploring the psychosocial characteristics of Hong Kong adolescents. *Asia Pacific Journal of Social Work and Development*, 30(3), 164-180.
<https://doi.org/10.1080/02185385.2020.1761436>.
- Dooley, J. J., Pyzalski, J., & Cross, D. (2009). Cyberbullying versus face-to-face bullying: A theoretical and conceptual review. *Journal of Psychology*, 217(4), 182–188. <https://doi.org/10.1027/0044-3409.217.4.182>
- Eysenck, S. B. G., & Eysenck, H. J. (1978). Impulsiveness and venturesomeness: Their position in a dimensional system of personality description. *Psychological Reports*, 43, 1247–1255.
<https://doi.org/10.2466/pr0.1978.43.3f.1247>.
- Fafinski, S., Dutton, H. W., & Margetts, H. (2010). *Mapping and Measuring Cybercrime*. (18^a ed.). Forum Discussion Paper.
- Fan, C., Chu, X., Zhang, M., & Zhou, Z. (2016). Are narcissists more likely to be involved in cyberbullying? Examining the mediating role of self-esteem. *Journal of Interpersonal Violence*, 34(15), 3127–3150. <https://doi.org/10.1177/0886260516666531>.
- Fernandes, J. (2014). *Os desafios da segurança contemporânea: Estado, identidade e multiculturalismo*. (1^a ed.). Pedro Ferreira-Artes Gráficas.
- Freire, I., Alves, M. M., Breia, P. A., Conceição, D., & Fragoso, L. (2013). Cyberbullying e ambiente escolar: um estudo exploratório e colaborativo entre a escola e a Universidade. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, 47(2), 43-64. https://doi.org/10.14195/1647-8614_47-2_3
- Garaigordobil, M. (2011). Prevalencia y consecuencias del cyberbullying: una revisión. *International journal of psychology and psychological therapy*, 11(2), 233-254.
- * Garaigordobil, M. (2016). Conducta antisocial: conexión con *bullying/cyberbullying* y estrategias de resolución de conflictos. *Psychosocial Intervention*, 55, 1-8.
<http://dx.doi.org/10.1016/j.psi.2015.12.002>.
- Gottfredson, M. R., & Hirschi, T. (1990). *A general theory of crime*. (1^a edição). Stanford.
- Hinduja, S., & Patchin, J. W. (2010). Bullying, cyberbullying, and suicide. *Archives of suicide research*, 14(3), 206-221. <https://doi.org/10.1080/13811118.2010.494133>.

- Juvonen, J., & Gross, E. F. (2008). Extending the school grounds? Bullying experiences in cyberspace. *The Journal of School Health*, 78(9), 496–505. <https://doi.org/10.1111/j.1746-1561.2008.00335.x>.
- Koller, S. H., & Bernardes, N. M. (1997). Desenvolvimento moral pró-social: semelhanças e diferenças entre os modelos teóricos de Eisenberg e Kohlberg. *Estudos de Psicologia*, 2(2), 223-262.
- Kowalski, R. M., & Limber, S. P. (2007). Eletronic bullying among middle school students. *Journal of Adolescent Health*, 41(6), 22-30. doi: [10.1016/j.jadohealth.2007.08.017](https://doi.org/10.1016/j.jadohealth.2007.08.017).
- Kowalski, R., Limber, S., & Agatston, P. (2008). *Cyberbullying in digital age* (1ª edição). Blackwell.
- Li, Q. (2005). New bottle but old wine: A research of cyberbullying in schools. *Computers in Human Behavior*, 23, 1777–1791. doi: [10.1016/j.chb.2005.10.005](https://doi.org/10.1016/j.chb.2005.10.005).
- Moher, D., Shamseer, L., Clarke, M., Ghersi, D., Liberati, A., Petticrew, M., Shekelle, P., Stewart, L. A. (2015). Preferred reporting items for systematic review and meta-analysis protocols (PRISMA-P) 2015 statement. *Systematic Reviews*, 4(1), 1-9. doi:[10.1186/2046-4053-4-1](https://doi.org/10.1186/2046-4053-4-1).
- Monks, C., Robinson, S. & Worlidge, P. (2012). The emergence of cyberbullying; a survey of primary school pupils' perceptions and experiences. *School Psychology International*, 33 (5), 477–491. doi: [10.1177/0143034312445242](https://doi.org/10.1177/0143034312445242).
- Olweus, D. (2013). School bullying: Development and some important challenges. *Annual Review of Clinical Psychology*, 9(1), 751–780. <https://doi.org/10.1146/annurev-clinpsy050212-185516>.
- * Pascual-Sanchez, A., Hickey, N., Mateu, A., Martinez-Herves, M., Kramer, T., & Nicholls, D. (2021). Personality traits and self-esteem in traditional bullying and cyberbullying. *Personality and Individual Differences*, 177, 1-6. doi:[10.1016/j.paid.2021.110809](https://doi.org/10.1016/j.paid.2021.110809).
- Patchin, J. W., & Hinduja, S. (2006). Bullies move beyond the schoolyard: A preliminary look at cyberbullying. *Youth Violence and Juvenile Justice*, 4(2), 148–169. <https://doi.org/10.1177/1541204006286288>.
- *Patchin, J. W., & Hinduja, S. (2010). Cyberbullying and self-esteem. *Journal of school health*, 80(12), 614-621. <https://doi.org/10.1111/j.1746-1561.2010.00548.x>.

- Patchin, J. W., & Hinduja, S. (2015). Measuring cyberbullying: Implications for research. *Aggression and Violent Behavior*, 23, 69-74.
<https://doi.org/10.1016/j.avb.2015.05.013>.
- Sakellariou, T., Carroll, A. & Houghton, S. (2012). Rates of cyber victimization and bullying among male Australian primary and high school students. *School Psychology International*, 33(5), 533–549.
- * Seigfried-Spellar, K. C., & Treadway, K. N. (2014). Differentiating hackers, identity thieves, cyberbullies, and virus writers by college major and individual differences. *Deviant behavior*, 35(10), 782-803. <http://dx.doi.org/10.1080/01639625.2014.884333>.
- *Shadmanfaat, S. M. S., Howell, C. J. M., Muniz, C. N., Cochran, J. K., Kabiri, S., & Richardson, D. A. (2018). The predictive ability of self-control and differential association on sports fans decision to engage in cyberbullying perpetration against rivals. *International Journal of Cyber Criminology*, 12(2), 362. doi: [10.5281/zenodo.3365618](https://doi.org/10.5281/zenodo.3365618).
- *Shadmanfaat, S. M., Choi, J., Kabiri, S., & Yun, I. (2020). Assessing the links between parenting practices, moral emotions, and cyberbullying perpetrations among a sample of iranian sports fans. *International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology*, 1-22. <https://doi.org/10.1177/0306624X20923252>.
- Slonje, R. & Smith, P. (2008). Cyberbullying: Another main type of bullying? *Scandinavian Journal of Psychology*, 49, 147–154. doi:[10.1111/j.1467-9450.2007.00611.x](https://doi.org/10.1111/j.1467-9450.2007.00611.x).
- Smith, P. K., Mahdavi, J., Carvalho, M., Fisher, S., Russell, S., & Tippett, N. (2008). Cyberbullying: its nature and impact in secondary school pupils. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 49(4), 376–385. doi:[10.1111/j.1469-7610.2007.01846.x](https://doi.org/10.1111/j.1469-7610.2007.01846.x).
- Sourander, A., Klomek, A., Ikonen, M., Lindroos, J., Luntamo, T., Koskelainen, M., Ristkari, T. & Helenius, H. (2010). Psychosocial risk factors associated with cyberbullying among adolescents - a population-based study. *Archives of General Psychiatry*, 67, 720–728. doi:[10.1001/archgenpsychiatry.2010.79](https://doi.org/10.1001/archgenpsychiatry.2010.79).
- Van der Hulst, R. C., & Neve, R. J. M. (2008). *High-tech crime, soorten criminaliteit en hun daders*. (1^a ed.). The Hague.
- Van der Wal, M. F., De Wit, C. A., & Hirasing, R. A. (2003). Psychosocial health among young victims and offenders of direct and indirect bullying. *Pediatrics*, 111(6), 1312-1317.
<https://doi.org/10.1542/peds.111.6.1312>.

- *Van Geel, M., Goemans, A., Toprak, F., & Vedder, P. (2016). Which personality traits are related to traditional bullying and cyberbullying? A study with the big five, dark triad and sadism. *Personality and individual differences*, 106, 231-235.
- *Varghese, M. E., & Pistole, M. C. (2017). College student cyberbullying: Self-esteem, depression, loneliness, and attachment. *Journal of College Counseling*, 20(1), 7-21.
[doi:10.1002/jocc.12055](https://doi.org/10.1002/jocc.12055).
- Ventura, P. (2011). *Incidência e impacto do cyberbullying nos alunos do terceiro ciclo do ensino básico português* [Unpublished doctoral dissertation]. Universidade de Granada.
- Willard, N. E. (2007). The authority and responsibility of school officials in responding to cyberbullying. *Journal of Adolescent Health*, 41, 564-565.
[doi: 10.1016/j.jadohealth.2007.08.013](https://doi.org/10.1016/j.jadohealth.2007.08.013).
- Williams, K. R., & Guerra, N. G. (2007). Prevalence and predictors of internet bullying. *Journal of adolescent health*, 41(6), 14-21. <https://doi.org/10.1016/j.jadohealth.2007.08.018>.
- Ybarra, M., Mitchell, K., Finkelhor, D. & Wolak, J. (2007). Internet prevention messages: Targeting the right online behaviors. *Archives of Pediatric & Adolescent Medicine*, 161, 138-145.

ANEXO

Quadro 1

Descrição individual das publicações incluídas na revisão sistemática

Publicação	P-Participantes	I-Intervenção	C-Comparação	O-Outcomes	S-Tipos de estudos	Conclusões
Patchin & Hinduja, 2010	1963 alunos do ensino básico dos quais 984 são raparigas e 978 são rapazes, de trinta escolas. (Estados Unidos da América)	Não se aplica. Procura analisar se há diferenças ao nível da autoestima entre ofensores de <i>cyberbullying</i> e vítimas.	Compara o grupo dos ofensores de <i>cyberbullying</i> com o das vítimas.	As vítimas e os <i>cyberbullies</i> apresentam baixos níveis de autoestima. A relação entre vitimação por <i>cyberbullying</i> e a autoestima é mais forte do que a relação entre perpetração de <i>cyberbullying</i> e autoestima.	Estudo quantitativo, <i>design</i> transversal. Instrumento: - Escala de autoestima de Rosenberg.	Há uma relação significativa entre a autoestima e as experiências de <i>cyberbullying</i> . As vítimas e os ofensores de <i>cyberbullying</i> têm uma autoestima significativamente mais baixa do que aqueles que nunca foram agressores ou vítimas.
Seigfried-Spellar & Treadway, 2014	296 alunos (rapazes e raparigas), de uma universidade. (Estados Unidos da América)	Não se aplica. Explora se há diferenças ao nível da personalidade (neuroticismo, abertura à experiência, amabilidade, extroversão e conscienciosidade) e de raciocínio moral entre os <i>cyberbullies</i> e os não agressores.	Compara o grupo dos ofensores de <i>cyberbullying</i> com os não ofensores.	Há diferenças ao nível dos traços do neuroticismo e amabilidade entre os <i>cyberbullies</i> e os não ofensores. Os agressores obtiveram uma pontuação elevada no traço do neuroticismo e apresentaram baixos valores morais internos.	Estudo quantitativo, <i>design</i> transversal. Instrumentos: - <i>Five-Factor Model Rating Form</i> (FFMRF) - <i>Decision-Making Scale</i> (MDKS)	Concluem que há diferenças ao nível dos traços da personalidade entre os ofensores e não ofensores, mais especificamente, ao nível dos traços do neuroticismo e amabilidade. Assim como, ao nível moral demonstram ter menores valores morais internos.

Buelga et al., 2015	877 alunos dos quais 426 são rapazes e 451 raparigas, de cinco escolas secundárias. (Espanha)	Não se aplica. Analisa o perfil psicossocial dos agressores de <i>cyberbullying</i> através dos indicadores de ajustamento psicológico: satisfação com a vida, reputação social e comportamentos antissociais na escola e comunidade.	Compara o grupo dos ofensores de <i>cyberbullying</i> com os não agressores.	O <i>cyberbullying</i> correlaciona-se negativamente com a satisfação com a vida e positivamente com a reputação social e os comportamentos antissociais na escola e comunidade.	Estudo quantitativo, <i>design</i> transversal. Instrumentos: - <i>Scale of anti-social behaviours at school</i> - <i>Scale of antisocial behaviours in the community</i> - <i>Scale of non-conforming social reputation</i> - <i>Life satisfaction scale</i>	Os <i>cyberbullies</i> têm um perfil psicossocial menos adaptativo comparativamente aos não agressores.
Garaigordobil, 2016	3026 jovens, dos quais 1469 são rapazes e 1557 são raparigas, de várias escolas secundárias. (Espanha)	Não se aplica. Analisa a relação entre o comportamento antissocial e o envolvimento em situações de <i>bullying</i> e <i>cyberbullying</i> e estratégias de resolução de conflitos (passiva, agressiva e cooperativa).	Compara o grupo dos <i>cyberbullies</i> com o dos <i>bullies</i> .	Os jovens envolvidos em situações de <i>bullying</i> e <i>cyberbullying</i> apresentam comportamentos que se encaixam no perfil antissocial. Os <i>cyberbullies</i> como <i>cyberagressores</i> e <i>cybervítimas</i> agressivas encaixam no perfil antissocial.	Estudo quantitativo, <i>design</i> transversal. Instrumentos: - EPC (escala de problemas de conduta) - Questionário de condutas antissociais - <i>Conflictalk</i>	Os jovens mais antissociais têm maior probabilidade de adotar comportamentos como perpetrador ou vítimas agressivas. Não se encontram diferenças ao nível das estratégias de resolução de conflitos.

Van Geel et al., 2016	1568 jovens (rapazes e raparigas) de dezassete escolas secundárias. (Holanda)	Não se aplica. Explora a relação entre os cinco grandes traços da personalidade (amabilidade, extroversão, conscienciosidade, neuroticismo e abertura à experiência) e a téttrade negra (psicopatia, narcisismo, maquiavelismo e sadismo) com o <i>cyberbullying</i> e o <i>bullying</i> .	Compara o grupo dos <i>cyberbullies</i> com o dos <i>bullies</i> .	O sadismo é um preditor significativo do <i>cyberbullying</i> . A amabilidade é um preditor negativo do <i>cyberbullying</i> .	Estudo quantitativo, <i>design</i> transversal. Instrumentos: - <i>Big Five Inventory</i> (BFI) - <i>Dark Triad Questionnaire</i> - <i>Varieties of Sadistic Tendencies Scale</i> (VAST)	A amabilidade, o maquiavelismo, a psicopatia e sadismo estão significativamente relacionados com o <i>bullying</i> tradicional. A amabilidade e o sadismo estão correlacionados com o <i>cyberbullying</i> . O sadismo pode ser um preditor dos comportamentos antissociais.
Varghese & Pistole, 2017	338 jovens dos quais 161 são rapazes e 176 são raparigas, de uma universidade. (Estados Unidos da América)	Não se aplica. Procura analisar o nível de autoestima, depressão e solidão entre os ofensores de <i>cyberbullying</i> e não ofensores.	Compara o grupo dos ofensores de <i>cyberbullying</i> com o dos não ofensores.	Os <i>cyberbullies</i> relatam níveis de autoestima mais baixos comparativamente com os não ofensores. Nos dois grupos, não há diferenças significativas entre a depressão e a solidão.	Estudo quantitativo, <i>design</i> transversal. Instrumentos: - <i>Self-Esteem Scale</i> - <i>Center for Epidemiologic Studies Depression Scale</i> - <i>UCLA Loneliness Scale</i>	Os ofensores de <i>cyberbullying</i> têm baixa autoestima quando comparados com os não ofensores.

Choi & Kruis, 2018	2808 alunos (rapazes e raparigas) de diversas escolas secundárias. (Coreia do Sul)	Não se aplica. Explora se os domínios do: <i>self</i> , (autocontrolo) família, pares e escola têm influência na perpetração de <i>cyberbullying</i> e <i>bullying</i> .	Compara o grupo dos <i>cyberbullies</i> com o dos <i>bullies</i> .	Os jovens com menores níveis de autocontrolo e que se associem a pares com comportamentos desviantes são mais propensos a envolverem-se em situações de <i>bullying</i> ou <i>cyberbullying</i> .	Estudo quantitativo, <i>design</i> longitudinal. Instrumento: - (LSC) <i>scale</i>	Os efeitos significativos dos diversos domínios da vida diferem consoante o tipo de <i>bullying</i> .
Shadmanfaat et al., 2018	318 alunos, rapazes de duas universidades. (Irão)	Não se aplica. Explora a interação entre o autocontrolo e a associação diferencial assim como, o seu efeito na decisão dos fãs dos desportos iranianos em praticarem <i>cyberbullying</i> contra os seus rivais.	Não se aplica.	A diminuição do autocontrolo está associada ao aumento da perpetração de <i>cyberbullying</i> contra os rivais. Há uma correlação significativa entre a associação diferencial e a perpetração de <i>cyberbullying</i> , ou seja, níveis mais elevados de associação diferencial estão relacionados com o aumento da perpetração de <i>cyberbullying</i> .	Estudo quantitativo, correlacional, <i>design</i> transversal. Instrumentos: - O autocontrolo foi medido através da escala de Grasmick - <i>Self-report scale</i> quantifica a associação diferencial.	Os indivíduos com baixos níveis de autocontrolo são mais suscetíveis à perpetração de <i>cyberbullying</i> . Assim como, os sujeitos que se associam a pares delinquentes têm maior predisposição à perpetração de <i>cyberbullying</i> .

Brown et al., 2019	1464 participantes dos quais 1310 são raparigas e 790 são rapazes. (Inglaterra)	Não se aplica. Analisa se os traços de personalidade que integram a téttrade negra (narcisismo, maquiavelismo, psicopatia e sadismo) são preditores de <i>cyberbullying</i> .	Compara o grupo dos rapazes com o das raparigas.	Níveis elevados de narcisismo, psicopatia, maquiavelismo e sadismo estão associados à perpetração de <i>cyberbullying</i> .	Estudo quantitativo, <i>design</i> correlacional. Instrumentos: - <i>The dark tetrad personality traits</i> - - <i>Short Sadistic Impulse Scale</i> .	Conclui-se que em ambos os sexos o maquiavelismo e a psicopatia são preditores positivos para a perpetração de <i>cyberbullying</i> , enquanto o sadismo e narcisismo são apenas para as raparigas.
Cho & Galehan, 2019	2351 alunos (rapazes e raparigas) de várias escolas básicas. (Coreia do Sul)	Não se aplica. Explora se o autocontrolo tem influência na perpetração de <i>cyberbullying</i> tendo em conta os estilos de vida cibernéticos.	Não se aplica.	Os estilos de vida de risco cibernético e o baixo autocontrolo estão associados à perpetração de <i>cyberbullying</i> .	Estudo quantitativo, correlacional e <i>design</i> longitudinal. Instrumentos: - <i>Self-control scale</i> composta por 6 itens. - <i>Cyber lifestyles</i> foi medida através de uma escala criada para o efeito.	Concluem que o baixo autocontrolo e os estilos de vida de risco cibernético são antecedentes da perpetração de <i>cyberbullying</i> .

Choon & Wong, 2020	1893 alunos dos quais 1033 são do sexo masculino e 860 são do sexo feminino, de sete escolas básicas. (Hong Kong)	Não se aplica. Examina a relação entre vitimização e perpetração de <i>cyberbullying</i> através de características psicossociais (autoestima, comportamento pró-social e empatia).	Compara o grupo dos <i>cyberbullies</i> , das vítimas e o da sobreposição vítimas/ofensores.	Os adolescentes com baixos níveis de empatia e comportamento pró-social são mais suscetíveis de serem perpetradores ou vítimas de <i>cyberbullying</i> . Não há diferenças ao nível da autoestima. Há uma sobreposição vítima-agressor.	Estudo quantitativo, <i>design</i> transversal. Instrumentos: - <i>General Self Subscale of the Chinese Adolescent Self-esteem Scale</i> - <i>My Life in School Checklist</i> (MLSC) - A empatia foi medida através de uma escala de <i>likert</i> criada para o efeito.	Há uma correlação positiva entre os diferentes tipos de perpetração e vitimização de <i>cyberbullying</i> . A perpetração de <i>cyberbullying</i> pode prever a vitimização, independentemente do tipo de <i>cyberbullying</i> .
Shadmanfaat et al., 2020	384 alunos do ensino secundário do sexo masculino. (Irão)	Não se aplica. Procura explorar se as emoções morais (culpa e vergonha antecipada) interferem na relação entre a identidade moral e os valores morais com a perpetração de <i>cyberbullying</i> .	Não se aplica.	A identidade moral e os valores morais estão associados às emoções morais. Os indivíduos com alta identidade moral e valores morais tendem a possuir maiores níveis de culpa e vergonha antecipada. Níveis baixos de emoções morais preveem níveis altos de <i>cyberbullying</i> .	Estudo quantitativo, correlacional, <i>design</i> transversal. Instrumentos: As emoções morais e os valores morais foram avaliados por uma escala de 3 itens. A identidade moral foi quantificada por uma escala de 5 itens.	As emoções morais dos sujeitos são influenciadas pela sua identidade moral e valores morais.

Pascual-Sanchez et al., 2021	1278 alunos dos quais 593 são rapazes e 685 são raparigas, de quatro escolas secundárias. (Inglaterra)	Não se aplica. Analisa a associação entre os traços de personalidade (impulsividade, narcisismo, insensibilidade e autoestima) com a perpetração de <i>bullying</i> e <i>cyberbullying</i> .	Compara o grupo dos <i>cyberbullies</i> com o dos <i>bullies</i> .	A impulsividade é um preditor do <i>bullying</i> e <i>cyberbullying</i> . A insensibilidade e a baixa autoestima surgem associados à perpetração de <i>bullying</i> e simultaneamente de <i>cyberbullying</i> . Não houve diferenças nos dois grupos relativamente ao traço do narcisismo.	Estudo quantitativo, <i>design</i> transversal. Instrumentos: - <i>Eysenck Impulsiveness Scale</i> (EIS) - <i>Childhood Narcissism Scale</i> - <i>Inventory of Callous Unemotional Traits</i> (ICU) - <i>Rosenberg Self-Esteem scale</i>	As características de personalidade avaliadas são mais relevantes para a perpetração de <i>bullying</i> do que <i>cyberbullying</i> .
------------------------------	--	--	--	--	--	---
